



FESTA DE SANTOS REIS EM JUQUITIBA-SP: PERMANÊNCIAS DA CULTURA CAIPIRA NO BAIRRO DOS CAMARGOS

Denise de Camargo Marcelino¹

1 Introdução

A presente pesquisa que está sendo desenvolvida no âmbito do mestrado no PPGGeo pela UFSCar², está voltada a compreensão da produção espacial através das manifestações culturais que figuram territorialidades detentoras de riqueza cultural para os grupos que dotam o espaço de simbolismos na realização da Festa de Santos Reis, e de sua resistência na apropriação do espaço através de uma unidade social como o bairro, diante do processo de urbanização que impacta os modos de vida no mundo rural.

A área de pesquisa, o bairro dos Camargos, está localizado no município de Jquitiba-SP, cuja origem, segundo Queiroz (1973), remonta a um antigo núcleo rural do século XIX, resultando no desenvolvimento de uma cultura de origem caipira. Historicamente, o município de Jquitiba permaneceu em um “tempo lento” não recebendo investimento de infraestruturas urbanas na expansão econômica da cidade de São Paulo devido a seus aspectos fisiográficos, culminando no baixo desenvolvimento urbano do município.

Podemos mencionar a existência de diferentes temporalidades coexistindo em espaços próximos as centralidades que servem ao capital como no caso do município de Jquitiba, administrativamente inserido na Região Metropolitana de São Paulo. A especificidade dessa formação socioespacial, considerando que o município apresenta áreas de preservação ambiental como reserva dos corredores de Mata Atlântica no Estado de São Paulo, permitiu a permanência de ruralidades e a continuidade de elementos que tiveram origem na cultura caipira, como as festas imbuídas de um caráter religioso na perpetuação do sagrado favorecida pelos laços estabelecidos na interação próxima na vida de bairro.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). E-mail: denisedcmarcelino@gmail.com.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



Nesse sentido, o seguinte trabalho busca identificar como a cultura popular se perpetua na contemporaneidade tomando como recorte espacial o bairro rural, uma unidade social básica que congrega interações próximas e pode contribuir para a continuidade dessas práticas culturais, pensando no momento da festa e no significado que adquire pelos sujeitos nas suas práticas culturais e que ações podem ser consideradas resistentes através da manutenção de simbolismos adaptando-se a novos moldes representacionais na sociedade.

2 Metodologia

Recorremos a dimensão cultural na Geografia através do conceito de territorialidade. Para melhor descrever essa territorialidade, consideramos a formação histórica do município de Juquitiba e das manifestações culturais provenientes da cultura caipira, presentes nas obras de Fukui (1979) e Queiroz (1973) que se debruçaram sobre essa área na década de 70.

Utilizamos de referenciais na dimensão cultural de território em Haesbaert (2010), cuja significação se estabelece através de uma identidade territorial dos grupos sociais sobre o espaço em que vivem, e a dinâmica das culturas populares no capitalismo em Canclini (1983).

Abordamos o método regressivo progressivo através da lei de desenvolvimento desigual de tempos históricos, encontrada em Lefebvre (1978), mencionada em tempos e espaços diversos no mundo rural em Brandão (2009), e em Martins (2011) acerca da modernidade incompleta da sociedade e da coexistência de diferentes temporalidades.

Partimos em direção a concepção de bairro como recorte espacial para a manutenção das práticas culturais. O bairro rural cuja territorialidade foi e é um dos pilares da sociabilidade caipira, pode ser caracterizado, “[...] no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas.” (CANDIDO, 2010: 76).

Para adentrar aos aspectos culturais da vida de bairro, foram registrados em idas a campo e de entrevistas semiestruturadas, momentos da Festa de Santos Reis no bairro dos Camargos através dos cantos e do simbolismo presente na festa. De forma qualitativa, foram analisadas a letra da música improvisada elaborada pelos músicos e a forma como a festa é organizada pelos próprios moradores.



3 Resultados

No bairro dos Camargos, a festa é organizada pela comunidade, sem institucionalização ou registro oficial, mesclando elementos tradicionais às demais festas de Santos Reis como adiciona elementos espontâneos próprios do bairro. A festa se iniciou com os antigos rezadores, sem datação de origem precisa, no entanto, remonta aos antigos fundadores do bairro, cuja tradição foi transmitida para as novas gerações que dão continuidade ao festejo, fazendo com que as crianças e jovens também participem ativamente da festa (Figura 1).



Figura 1: Dança dos foliões na Festa de Santos Reis. **Fonte:** Denise de C. Marcelino, 2019.

Devido a complementariedade de bairros presente nas áreas rurais do município, bairros vizinhos participam na organização financeira e lúdica no momento da festa: parte dos músicos e foliões vêm de outros bairros da região, ficando a cargo do portador do mastro do bairro que sedia a festa, a responsabilidade por organizar o banquete. O banquete é custeado com o valor arrecadado durante a semana em que os foliões vão às casas do bairro e do valor ofertado durante a festa, quando o valor arrecadado para o custeio dos gastos é baixo, o portador do mastro contribui com a diferença.



O canto realizado pouco antes de adentrar à igreja do bairro é improvisado a cada ocasião, se adaptando a interação dos festeiros no momento da oferta e mesclando versos comuns à versos criados no improviso. A letra improvisada no momento da festa revela o aspecto dos laços vicinais da vida em comunidade: os músicos, além de considerar no canto os que estão presentes no dia da festa, cantam também em homenagem para os falecidos do bairro que outrora frequentavam a Festa de Santos Reis: “Ai vou cantar pros falecidos, que foi embora desse bairro ai”; “Ai Deus Bastião reze o pai nosso, ai em intenção dos falecidos ai”.

Outra consideração importante sobre a escolha do dia da Festa reflete a adaptação feita para a participação dos festeiros: o dia escolhido é o sábado geralmente a partir das 17h, devido à grande parte dos festeiros exercerem atividades profissionais no dia de sábado, reduzindo tempo hábil para o lazer e autonomia, cujos elementos são essenciais na cultura caipira que passa a adentrar a um modo de vida urbano cada vez mais presente. Portanto, quem participa em um bairro no sábado, pode frequentar, novamente, a festa realizada em bairros próximos no sábado seguinte durante o mês de janeiro.

4 Discussões

Lia Fukui (1979) ao descrever o bairro tradicional em Juquitiba na década de 70, retrata o momento da festa religiosa, como uma oportunidade de estabelecer uma unidade social em que as relações se estendem para um grupo maior do que os agrupamentos de parentesco na prestação de serviços mútuos entre a vizinhança, reforçando a sociabilidade na vida de bairro, sendo um espaço privilegiado para as manifestações culturais do grupo.

Atualmente, os grupos mais integrados a nível do bairro permitem a resistência de elementos de uma cultura caipira, ao ressignificar o que ainda pode ser praticado no aspecto cultural e social. Logo, a festa se apresenta como parte de um rito, nos símbolos que revelam, “uma poderosa força de coesão grupal, reforçadora da solidariedade vicinal” (ARAÚJO, 2007: 5), evidenciando a sociabilidade que se perpetua na contemporaneidade.

O movimento da festa perpetua o sentimento de localidade ao trazer as homenagens ao grupo de festeiros moradores do bairro, socializa a organização comunitária da festa no seu investimento e manutenção ao produzir de forma voluntária a alimentação do grupo, que, em sua essência, recorda a prática do mutirão e do momento do festejo no compartilhamento dos



rendimentos e da partilha de alimentos. A essência da festa se renova revelando outros tempos presentes na contemporaneidade, segundo Canclini (1983):

[...] mediante o ritual da festa o povo impõe uma ordem a poderes que sente como incontroláveis, procura transcender a coerção ou a frustração de estruturas limitativas através da sua reorganização cerimonial, imagina outras práticas sociais, que às vezes chega a pôr em prática no tempo permissivo da celebração. (CANCLINI, 1983: 55).

Elementos de uma vida urbana através dos aparatos tecnológicos aparecem como recurso para a sua continuidade: o carro sendo utilizado para a procissão, os telefones celulares para combinar horários e convites, as câmeras fotográficas para registrar o momento na memória e contribuir com a história do bairro. Vemos, portanto, a manutenção de significados com mudanças nos instrumentos que viabilizam a festa, sem perder sua essência e sua representação do sagrado.

A dimensão lúdica e de lazer tradicionais da cultura caipira, encontraram sua decadência – não sua destruição completa - nas mudanças de uma economia fechada para relações de trabalho assalariadas, alterando a disponibilidade de tempo e de margem para o lazer. No entanto, a perda do seu aspecto tradicional abre a possibilidade para a ressignificação cultural e adaptação encontrada nos elementos irredutíveis do cotidiano, no qual se busca salvaguardar o que ainda pode resistir no plano sociocultural.

5 Considerações finais

A condição socioespacial do município de Juquitiba favorece manifestações da cultura popular a nível do bairro rural mediado pelas relações de parentesco e de interação da vizinhança, principalmente na concepção da festa, do ritual e do encontro, que constitui um modo de vida com traços da civilização caipira, inseridas nas práticas culturais pela reinvenção do cotidiano e manutenção de festividades, estabelecendo territorialidades produtoras de espaço que escapam da racionalidade na crescente individualização da vida urbana, considerando a presença predominante de modos de vida rurais nesse bairro.

O bairro rural, ao não ser atingido na sua totalidade pela urbanização e dos modos de vida vinculados a ela, é um testemunho de uma temporalidade diversa, sendo dialeticamente,



produto direto das desigualdades da vida moderna. A sociabilidade encontrada no bairro traz elementos de uma antiga organização sociocultural de origem caipira, apresentando novos significados e usos atribuídos a suas manifestações culturais.

A tendência de dissolução das antigas organizações sociais encontra barreiras no próprio sistema globalizante: a modernização por ser incompleta, não consegue capturar todas as dimensões da vida, espaço e tempo, sendo assim, os lugares são marcados por singularidades refletindo sua identidade cultural e histórica, que não é passível de ser assimilada por completo. O reconhecimento da existência dessas práticas culturais - ou de outras temporalidades – promovidas pela comunidade, se faz necessário para promover justiça social e possibilitar aos indivíduos a coexistência de diferentes tempos no espaço.

Referências

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **No Rancho Fundo**: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

FUKUI, Lia Freitas Garcia. **Sertão e Bairro rural**. São Paulo: Ática, 1979.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. 4. ed. Barcelona: Ediciones península, 1978.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Bairros rurais paulistas**: dinâmicas das relações bairro rural – cidade. Petrópolis. São Paulo: Livraria duas cidades; 1973.